



Os contras do Pro

Todo mundo viu, no lançamento do iMac em maio, nosso iCEO Steve Jobs apresentar um slide com os produtos Apple: uma tabela em quatro partes, equipamentos “Desktop” e “Portable” numa coordenada, equipamentos “Home” e “Pro” na outra. Um golpe de mestre do marketing, símbolo da simplificação e da objetividade. Posicionou o iMac como “Home Desktop”, medida que mesmo assim depois foi um pouco mal-entendida, e criou uma expectativa enorme em torno do “Home Portable” que deve sair em maio. Até aqui tudo bem... mas também criou expectativa em torno do que seria a nova linha “Pro Desktop”, os fabulosos Yosemite. Aliás, pronuncia-se “Iô-CEMM-i-tii”, e não, pela-mordedeus, “Josémait”! Rumores (sobre as máquinas, não sobre a pronúncia) correram soltos e as pessoas

se agarraram desesperadamente ao termo “Pro”, depositando nessas nebulosas máquinas todas as esperanças de serem salvas, à beira do abismo da virada do século, por um disco voador impulsionado por dúzias de chips G4, um *deus ex machina* em plástico azul-translúcido, transbordando de slots PCI de um lado e com centenas de orifícios (epa!) do outro, onde se poderiam saciar todos os apetites não-satisfeitos de periféricos FireWire, USB, SCSI, Ultra SCSI, ULTRA 2 HYPER SCSI!!, bem como aqueles tradicionais MIDI, seriais, paralelos, cruzados, disquetes de 8" face simples de 263K e um suporte plug & play para a caixinha de rapé do vovô (já que estamos sendo alusivos). Agora saíram os novos “Power Mac G3”. Nem um nome novo quiseram inventar – nas notas técnicas, meio timidamente, chamam de “G3 Blue and White”, para fins de diferenciação

somente. OK, são máquinas excelentes, bonitas, baratas, fáceis de abrir, mais rápidas que qualquer Mac anterior. Têm FireWire, USB, Ultra2 SCSI opcional. Dobrou-se o máximo de RAM instalável, que agora é um 1 GB. A placa de vídeo parece ser uma das melhores já vistas em qualquer plataforma. O barramento finalmente se equipara ao de PCs, com 100 MHz. Mas... é esse o Santo Graal, o “Pro Desktop”? Sim! Não. Talvez...

Já choveram críticas. “Apenas 3 PCIs? Não serve para músicos/videomakers profissionais.” “Não tem serial/SCSI? Como vou ligar meus periféricos profissionais?” “Não tem disquete? Profissionais precisam de disquete!” Etc. *ad nauseam*. Quem são esses críticos? É a turma que estava esperando um “Pro”. E o que é “Pro”, afinal de contas? Uma etiqueta de marketing, apenas isso! “Profissional” era uma etiqueta técnica, mas agora parou de ter significado para casos práticos específicos, porque ficou ampla demais... Aliás, o “Aurélio” até diz que o adjetivo “profissional” é depreciativo! Um computador é uma coisa tão genérica que pode ser usado por milhares de tipos de “pro”fissionais... Para profissionais de jornalismo ou literatura, um iMac é Pro. Para quem quer operar um servidor Intranet, os novos G3 A&B são Pro. Já para quem quer produzir o sucessor do “Bug’s Life”, a definição de “Pro” é bem diferente...

Resumindo, “Pro” significa coisas diferentes para pessoas diferentes; no fundo, não quer dizer nada objetivo.

“Pro” serve só para quem compra griffes e quer desbancar o vizinho que comprou o último modelo da moda – e pasmem, boa parte das máquinas “Pro” são compradas por esse motivo, não por profissionais. Então o jeito é esquecer as etiquetas de marketing. A máquina tem o desempenho que você quer, permite ligar os periféricos desejados, tem a cor que combina com seu sofá? Ótimo, vá fundo. Se não for o caso, compre outra... mas não diga “Pro”. Seja do contra. **M**

RAINER BROCKERHOFF

rainer@ez-bh.com.br

É “pro”gramador “pro”fissional desde 69 e tem o maior e mais rápido Mac do Estado de Minas Gerais.

